

Os fios que tecem e entrelaçam Ana Maria Gonçalves e Conceição Evaristo: memória, violência e resiliência

*The Threads that Weave and Interweave
Ana Maria Gonçalves and Conceição Evaristo:
Memory, Violence and Resilience*

Camila de Matos Silva*
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

399

Sávio Roberto Fonseca de Freitas*
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.

Conceição Evaristo

* Mestranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

* Doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

RESUMO: Este artigo propõe analisar três poemas de Conceição Evaristo: “Da menina, a pipa”; “Vozes mulheres”; “Pedra, Pau, Espinho e Grade”, e alguns tópicos do romance *Um defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves procurando relacionar as duas autoras em pontos como memória, violência e resiliência. Pretendemos realizar uma reflexão acerca do sujeito multifacetado advindo da diáspora, partindo do olhar feminino na pós-modernidade, da mulher engajada que conta e reconta fatos do passado se firmando nas lembranças de dor e assujeitamento, mas que vence as adversidades através da resiliência e questiona pressupostos da história oficial. Ambas as autoras possuem uma escrita engendrada no compromisso de dar voz aos que sempre estiveram à margem, e denunciarem a condição do sujeito diaspórico: “despersonificado” e desterrorizado. Por serem autoras que priorizam o campo da ficção e história essas revelam a importância de Estudos Culturais e de Gênero, na área da Literatura, para a investigação dos fatos e personagens históricos e literários, que fazem parte do cenário diaspórico. Os relatos de memória, violência e resiliência de Kenhind, personagem de *Um defeito de Cor* e das vozes poéticas de Conceição Evaristo são fundamentais para a composição do cenário histórico e literário África/Brasil referentes ao início e meados do século XIX, bem como os desdobramentos para além dos horrores da escravidão.

PALAVRAS-CHAVES: Memória. Violência. Resiliência. Mulher.

ABSTRACT: This article proposes to analyze three of Conceição Evaristo” poems: “Da menina, a pipa”; “Vozes mulheres”; “Pedra, Pau, Espinho e Grade”, and some topics in the novel *Um defeito de cor*, by Ana Maria Gonçalves. By relating the two authors through points such as memory, violence and resilience - and, having, as a start point, the feminine point of view at postmodernity, as well as the point of view of the engaged woman who tells and retells facts of the past, steeped in the memories of pain and subjection, but that overcomes adversities through resilience and questions assumptions of the official history - we intend to reflect on the multifaceted subject that emerged in the diaspora. Both writers have a writing engendered in the commitment to give voice to those who have always been marginalized. They also denounce the condition of the diasporic subject: “dispersed” and terrified. Because they are authors who prioritize the field of fiction and history, they reveal the importance of Cultural and Gender Studies in the area of Literature for the investigation of historical and literary facts and figures that are part of the diasporic scene. Kenhind's (a character in *Um defeito de cor*) stories of memory, violence and resilience, and the poetic voices of Conceição Evaristo, are fundamental to the composition of the historical and literary Africa/Brazil scenario of the early and mid-nineteenth century, as well as the developments beyond the horrors of slavery.

KEYWORDS: Memory. Violence. Resilience. Woman.

A força que vem da raiz, extraída das memórias dos negros, se alastra como rizomas a procura do que foi abafado, “esquecido” ou forjado pela história oficial, tal força em Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves ganha impulsos para o resgate da cultura negra e afro-brasileira, bem como para a (re)construção e (re)afirmação dessas culturas. A história oficial adquire na voz e na escrita das autoras, mineiras, lugar de resistência, denúncia e busca pela

identidade. Sem dúvida a escrita de ambas possui uma busca incessante pelos “rastros” da ancestralidade e pelo resgate do que, por muito tempo, ficou “esquecido”, Zilá Bernd nos esclarece que “a noção de rastros pode ser definida como presença de uma ausência”. O que configura para nós um traço de violência simbólica, marcado tanto nas obras de Conceição Evaristo como Ana Maria Gonçalves pela condição de gênero e raça. Para Spivak, “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”. E, é na tentativa de dar voz e juntar “os rastros”, instalados a partir do caos da escravidão, que a personagem Kehinde e as vozes femininas dos poemas de Conceição Evaristo se fortalecem como sujeitos atuantes que não se acomodam perante as adversidades. Mesmo à margem, elas lutam por suas identidades e por suas crenças, Kehinde, narradora de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2006), recusa ser batizada pulando no mar antes de desembarcar em terras estrangeiras, e só recebe o nome de Luísa ao ser comprada pelo fazendeiro José Carlos, em Itaparica:

Nós não víamos a hora de desembarcar também, mas disseram que antes teríamos que esperar um padre que viria nos batizar, para que não pisássemos em terras do Brasil com a alma pagã. Eu não Sei o que era alma pagã, mas já tinha sido batizada em África, já tinha recebido um nome e não queria trocá-lo, como tinham feito com os homens. Em terras do Brasil, eles tanto deveriam usar os nomes novos, de branco, como louvar os deuses dos brancos, o que me negava a aceitar, pois tinha ouvido os conselhos da minha avó (GONÇALVES, 2006, p. 63).

Sua fé nos orixás e nos *voduns* permanece intacta, mesmo com a imposição da religião católica aos escravos no período colonial. Além da fé apreendida pela ancestralidade, como percebemos pela fala da narradora: “pois tinha ouvido os conselhos da minha avó”, percebemos a preocupação de Kehinde em manter os costumes e a valorização das culturais orais, personagem *griot* a narradora conta sua história que transcende a narrativa de testemunho. Podemos dizer que as personagens de Conceição Evaristo também estão nessa ordem, de

personagens *griots*, dada sua própria fala afirmando ser sua escrita uma: *escrevivência*, ainda segundo a autora acerca do seu processo de escrita: “Mas digo sempre a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância” (EVARISTO, 2007, p. 19). Retratando os *griots* africanos tanto Evaristo como Gonçalves transbordam em suas obras a tradição oral, de ouvir e contar. Tendo a tradição oral e a memória, ou os vestígios dela, como construção da narrativa afirmamos que tanto Evaristo como Gonçalves partem do olhar da mulher negra, que recorre às lembranças para desmistificar os estereótipos históricos e literários, e constroem personagens profundas, a fim de tratarem de questões identitárias, étnicas e de gênero não como pano de fundo, mas como manifesto e denúncia de opressão e violência, cujas vítimas sofreram e sofrem com as diferentes violações dos direitos humanos, bem como violência física e simbólica. Vejamos o poema “Da menina, a pipa”, de Conceição Evaristo:

Da menina, a pipa
Da menina a pipa
e a bola da vez
e quando a sua íntima
pele, macia seda, brincava
no céu descoberto da rua
um barbante áspero,
 másculo cerol, cruel
rompeu a tênue linha
da pipa-borboleta da menina.

E quando o papel
seda esgarçada
da menina
estilhaçou-se entre
as pedras da calçada
a menina rolou
entre a dor
e o abandono.

E depois, sempre dilacerada,
a menina expulsou de si
uma boneca ensanguentada
que afundou num banheiro
público qualquer (EVARISTO, 2008).

O título do poema nos faz acreditar que tratará da infância de uma menina e de uma brincadeira muito comum: a pipa; todavia ao lermos o poema percebemos já na primeira estrofe que esta “menina” é impedida de viver a infância com ingenuidade e tranquilidade. O eu lírico do poema descreve tal interrupção através de um ato de violência “acidental”, a metáfora do cerol que corta a menina e a faz sangrar. Esta mutilação pode ser compreendida como a interrupção da infância dado o sofrimento ligado à pobreza e à raça, como observamos nos versos: “E quando o papel / seda esgarçada / da menina / estilhaçou-se entre / as pedras da calçada / a menina rolou / entre a dor / e o abandono”. Ao lermos “seda esgarçada” podemos sentir uma profunda do eu poético, ou seja, os sonhos dessa menina, o lúdico que a envolvia é desconstruído. Este sujeito enunciativo, mesmo ainda criança, já adquire consciência da sua condição social: primeiro pela sua cor, depois por sua condição de gênero. Outra leitura que realizamos está ligada à experiência da primeira menstruação e ao corpo feminino, a voz poética sente-se sozinha e cheia de conflitos que envolvem seu mundo íntimo, sente-se obrigada a assumir o papel de mulher sem, talvez, nem estar preparada: “E depois, sempre dilacerada / a menina expulsou de si / uma boneca ensanguentada / que afundou num banheiro / público qualquer”. A metáfora da “boneca ensanguentada” jogada em um “banheiro público qualquer” nos atenta para o universo feminino e principalmente o feminino negro, seus conflitos e dores e como esses conflitos ocupam lugar de descaso na sociedade patriarcal. Interessante nos atermos ao verso “E depois, sempre dilacerada” essa angústia e tristeza não passam nunca, a voz poética está “sempre dilacerada”. No caso da mulher negra, advinda da diáspora africana, suas lembranças estão sempre marcadas pela violência simbólica, por isso o esquecimento é impossível; recordamos de um excerto de outro poema de Conceição Evaristo: “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, os horrores da escravidão, a condição de gênero e a dor não podem e não são esquecidas pelas mulheres e esses pontos norteiam a escrita engaja e reflexiva das autoras. Esse excerto, entretanto, também nos atenta para a resistência milenar da mulher e os desafios do

universo feminino enfrentados com afinco por seus direitos subjugados. Voltando o poema “Da menina, a pipa”, procuramos lê-lo, ainda, por outro viés, o qual nos conduz a uma cena de estupro, as pistas deixadas pelo eu lírico podem ser compreendidas nos versos: “quando a sua íntima / pele, macia seda, brincava/no céu descoberto da rua / um barbante áspero, / másculo cerol, cruel / rompeu a tênue linha / da pipa-borboleta da menina. [...] E depois, sempre dilacerada”. Esta última leitura realizamos devido aos horrores da escravidão, na qual muitas mulheres eram violentas pelos “seus” senhores, como afirma Adélcio de Sousa Cruz (2006), no site *Literafro*:

Persistia entre tantas outras atrocidades presente no sistema sociocultural e político do Brasil colônia, o direito à “primeira noite” de cada noiva. O dono das terras era também o “proprietário” da noite de núpcias de cada escrava que se casasse dentro da colônia.

Um dos pontos de encontro entre esse poema de Evaristo e *Um defeito de cor* está no papel de seda utilizado para a confecção da pipa e a referência em relação às asas da borboleta: “Da pipa-borboleta da menina” [...] “E quando o papel/seda esgarçada/da menina” (EVARISTO, 2008), e a primeira epígrafe do romance de Gonçalves: “A borboleta que esbarra em espinho rasga as próprias asas”. Ambas as passagens demonstram a fragilidade da mulher perante uma sociedade machista e escravocrata, bem como a efemeridade da vida e dos fatos. Ainda em África junto à família Kehinde sofre as primeiras mutilações com a chegada dos guerreiros do rei Adondozan que ao verem no tapete, que a avó de Kehinde bordava um dos símbolos de Dan, “o desenho da cobra que engole o próprio rabo” (GONÇALVES, 2006, p. 22) começam a acusar sua avó de feiticeira e ocorre outro ponto de encontro entre o poema e o romance, o qual se refere à condição da mulher e ao estupro. O primeiro estupro narrado por Kehinde é o de sua mãe, ainda em Salavu: “A minha avó continuava deitada na frente de um dos guerreiros, batendo a cabeça no chão e pedindo que fossem embora, mas eles não se importavam. O guerreiro que segurava a minha mãe,

o que aos meus olhos era só um membro duro e grande, jogou-a no chão e se enfiou dentro da racha dela” (GONÇALVES, 2006, p. 23), outras cenas de estupro estão no fragmento “A posse” (p. 168) o senhor de engenho, José Carlos, violenta Kehinde e como uma punição ele estupra também o escravo Lourenço, que o havia impedido, anteriormente, de estuprar Kehinde, e em um ato brutal/covarde capa o escravo: “[...] com a lâmina muito vermelha, como se tivesse acabado de ser forjada, virou o Lourenço de frente, pediu que os dois homens do Cipriano o segurassem e cortou fora o membro dele” (p. 172). Para Zilá Bernd “as agressões sexuais [em *Um defeito de cor*] são narradas como estratégias de reapropriação do passado” (1987). Tais reapropriações estão diretamente ligadas ao processo de escrita da autora negra, voltar o olhar ao passado, que ainda arde como brasa, faz parte da construção e formação da obra. No caso das autoras, aqui abordadas, ambas se reapropriam do passado e costuram memórias para tentarem elucidar a história oficial, dando voz a um povo que foi perseguido e assujeitado, e para tal é impossível desassociar memória de violência.

A cena do “riozinho de sangue” no início do romance, *Um defeito de cor*, que escorre da mãe de Kehinde, após o estupro e assassinato, e se encontra com o “riozinho de sangue” de Kokumo, seu irmão, acompanha a narradora em toda sua trajetória, como força motriz da narrativa e da luta da personagem. Após esses episódios a avó de Kehinde se vê obrigada a fugir com as netas para Uidá; a morte nos apresenta não apenas a mutilação familiar, mas mutilação de uma vida inteira devido à condição de gênero, raça e neste caso religião. Tanto na obra de Conceição Evaristo como de Ana Maria Gonçalves a violência é outro rastro que irá acompanhá-las em todas as narrativas e poemas, a violência física e simbólica. Lembramos que nem sempre era possível a união das famílias durante o período da escravidão, muitas vezes os laços eram rompidos na compra e troca de escravos. Em *Um defeito de cor*, Kehinde, após o assassinato de sua mãe e seu irmão, junto à sua avó e irmã elas fogem para Uidá; lá foram capturadas para serem trazidas ao Brasil, mas durante a travessia do “Atlântico

Negro” sua avó e sua irmã morreram e as duas foram jogadas ao mar como “peças” - outra marca da violência simbólica causada pelo sentimento de assujeitamento. Kehinde desembarca, em terras estrangeiras, sozinha, portando apenas suas lembranças. Utilizando do conceito de “cenas primordiais” de Cortejo Polar (2002, p. 81) afirmamos que *Um defeito de cor* e os poemas escolhidos, de Conceição Evaristo, entrelaçam lembranças e atrocidades, cometidas nos tumbeiros e em todo período da escravidão. No caso das escritoras aqui abordadas o processo de escrita não é desassociado das “cenas primordiais”, Adélcio de Souza Cruz (2006) nos esclarece:

No caso dos africanos e afrodescendentes no Brasil a “cena primordial” é aquela lançada ao mar da costa africana, a cena que retoma os navegadores “alocando” nos porões dos tumbeiros, culturas tão ricas quanto as narrativas que possibilitaram [...] recriar/produzir.

A violência atrelada à memória e ancestralidade está também no poema “Vozes-mulheres” de Conceição Evaristo (2008):

406

Vozes mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si

as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

Percebemos que eu lírico polifônico é intencional, anunciado no título “Vozes mulheres” que representa muito além das vozes de uma única família, mas de toda uma ancestralidade africana. A voz poética nos alerta para as marcas, da escravidão, deixadas não somente na pele, mas na alma - “A voz de minha bisavó / ecoou criança / nos porões do navio / ecoou lamentos”, percebemos as primeiras cenas da escravidão, descritas nos versos como dor, interrupção da infância e de costumes em África. Já nos versos: “A voz de minha avó ecoou obediência” está ligado à violência física e simbólica cometida nos quase quatro séculos de escravidão, na qual o indivíduo é posto em um processo de despersonalização. Essa “obediência” não representa a passividade, mas a resistência, o lamento continua ecoando. Já nos versos “A voz da minha mãe/ecoou baixinho revolta” percebemos que mesmo existe ainda certo silenciamento, mas com mais esperança, pois optar pela palavra “revolta” observamos que mesmo “baixinho” as mulheres começam a percorrer um caminho não só o da obediência. Esses são pontos primordiais ao estudarmos diáspora e escrita de autoras negras: 1 pelo silêncio que os escravos e seus descendentes foram forçados: silêncio dos costumes, religião, desejos, danças e direitos humanos; 2 pelo discurso acerca da mulher, as mulheres negras por muito tempo foram sufocadas pela escrita estereotipada e feita em sua grande maioria pelas vozes dos homens brancos, bem como afirma Leda Martins “Na literatura escrita no Brasil predomina a herança dos arquivos textuais e da tradição retórica europeia”. Estes versos “A voz de minha mãe / ecoou baixinho revolta / no fundo das cozinhas alheias / debaixo das trouxas / roupagens sujas dos brancos / pelo caminho empoeirado / rumo à favela” também dialogam

com a condição feminina após o período da escravidão, no qual as mulheres alforriadas precisaram trabalhar lavando, cozinhando e passando. A história nos revela que os negros quando libertos muitos sem profissão, sem moradia ou mesmo doentes vão para as ruas dos grandes centros urbanos e para as periferias, demonstrando que a carta de alforria não mudou muita coisa. Nos versos “A minha voz ainda / versos perplexos / com rimas de sangue e fome” nos atenta para um cenário de que as coisas ainda não mudaram, ainda são de “sangue e fome”. O poema realiza um percurso histórico pautado nas lembranças e na memória coletiva, nos versos “A voz de minha filha / recolhe em si / a fala e o ato” observamos que já não é apenas uma voz que simplesmente ecoa, mas que no movimento do ir e vir do eco, o eu poético age: “a fala e o ato”, para nós essa fala e o ato estão associados à escrita, ao resgate identitário e à resiliência, do negro e da mulher através da escrita. A repetição do verbo “ecoar” presente em todas as estrofes é uma marca estilística, muito usada nos poemas de Conceição Evaristo, no intuito de reafirmação da intencionalidade do lírico que, geralmente, é denunciar. Tanto em Conceição Evaristo como Ana Maria Gonçalves a memória coletiva resgatada pela tradição oral é responsável por irem ecoando a história e na história.

Notamos que tanto em Evaristo como em Gonçalves a escrita de autoria feminina está enlaçada não somente à memória coletiva, mas à escrita de testemunho, Kehinde, *personae-viagem*, se comparada ao poema “Vozes mulheres” está presente em todas as vozes que ecoam no poema, uma vez que romance pode ser lido à luz da metaficção e realiza um percurso do início ao período de pós-escravidão. A narradora de *Um defeito de cor* passa por quase todas as etapas ecoadas pelas vozes do poema de Evaristo. Outro ponto de encontro entre o poema e a narrativa está na resistência e desejo de liberdade: “o eco da vida-liberdade” (EVARISTO, 2008). Reconhecemos que outro traço de encontro está na escrita de testemunho, caracterizada não somente pela escrita intimista e memorialista, mas pela violência e desejo de denúncia. Nessa perspectiva Ricoeur salienta que a literatura de testemunho pode ser

configurada como “huella sentimental” (registro sentimental) e “huella social” (registro social), essas escritoras possuem as duas vertentes. Apesar de o silêncio ter acompanhado o negro e seus descendente, como uma corrente atrelada aos pés, ressaltamos que se há algo capaz de sobressair ao silêncio é a memória. Constância Lima Duarte nos esclarece sobre a obra de Evaristo, mas que também é pertinente à obra de Gonçalves:

A competência de Conceição Evaristo para mergulhar fundo no pensamento e na ação do oprimido, e construir sua ficção verdade, pode ser verificada não apenas em seus contos, mas também nos poemas e romances que já publicou. Aliás, mais de uma vez, ela afirmou que a gênese de sua escrita está no acúmulo de tudo que ouviu e viveu desde a infância (DUARTE, 2002).

Pensando nas trajetórias de Kehinde e das vozes poéticas de Conceição Evaristo, aqui expostos, podemos dizer que suas personagens são mais que mulheres corajosas - são resilientes. A protagonista do romance e as vozes líricas dos poemas ganham impulso depois das adversidades e mesmo em momentos nos quais aparentemente não podem falar ou fazer: elas persistem. Ambas as autoras inovam a cena contemporânea, na literatura, pois suas personagens são profundas e trazem a visão do negro para o centro do discurso. Esse espaço literário conquistado pelas escritoras negras nos cabe muita atenção, uma vez que é a partir da dor e das perdas que suas personagens são construídas. Recorrendo, novamente, a Édouard Glissant que nos elucida sobre a metáfora dos *traces*: “o pensamento dos traços/rastros/vestígios é aquele que se opõe hoje de maneira válida à falsa universalidade do pensamento do sistema”. Afirmamos, pois, que *Um defeito de cor* atua com anti-narrativa, buscando na voz dos excluídos reconstruir o que a história oficial deixou como lacunas. Como afirma Risério “[...] Dito de outro modo, palavras negras passaram em brancas nuvens”, tanto Kehinde como as vozes líricas dos poemas de Conceição Evaristo buscam “nos rastros” da memória a releitura da história oficial e do estereótipo imposto para a mulher negra, bem como denuncia as

atrocidades cometidas contra os seus. A figura da mulher madura, consciente e engajada é parte do processo de escrita de ambas as escritoras, a mulher e o imaginário que circula o negro diaspórico, em Evaristo e Gonçalves, são desmistificadas, suas personagens estão próximas a mulheres “comuns”, com medos, dores, incertezas, alegrias, dúvidas, descaracterizando a figura da mulher negra estereotipada pelo imaginário europeu. Segundo Leda Martins a produção de escritoras negras, como Conceição Evaristo:

Não é difícil perceber que a letra ficcional e poética torna-se, em seus textos, um instrumento e um lócus privilegiado para uma potente e persistente rasura, descontinuidade e desconstrução, tanto dos inúmeros vícios de figuração da personagem negra feminina na literatura e sexismo que permeiam oblíquas práticas discursivas. Tanto a tradição literária quanto seus engenhos retóricos-ideológicos são revisitados pelas lentes dessas escritoras [...] (MARTINS, 1995).

Partindo da reflexão de descaracterização da mulher negra na literatura, as quais estavam impostas aos “vícios de figuração”, e da necessidade de releitura dos cânones afirmamos que a escrita da mulher negra na pós-modernidade vai além de um instrumento de recapitulação, mas de um desejo de compreender e lembrar o sujeito multifacetado do período escravocrata. Todavia a instância da escrita dessas autoras acontece mediante a dor, mas sobretudo mediante à resiliência. Lembramos, aqui, de uma fala de Conceição Evaristo: “Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (2007, p. 17; p. 21).

Nessa passagem percebemos que certamente uma das conquistas mais valiosa dos movimentos negros foi dar voz aos que sempre estiveram à margem. Com o público de leitores negros e letrados crescente, no Brasil, possibilitou que esses textos fossem adquirindo espaço na literatura. O direito à palavra “cedida” às mulheres para discutirem raça, etnia e gênero implica em “desvelamento do sujeito” (DUARTE), do sujeito fragmentado pela diáspora impedido de falar e

exercer suas tradições. Atrelando a escrita feminina à memória e violência nos cabe abordar a resiliência dessas autoras e de suas personagens. Recordamos de outra afirmação de Conceição Evaristo, no depoimento “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita”:

Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma denominação machista, primeira a dos patrões, depois a dos homens, seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. [...]. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se inconsciente desde pequena, nas redações escolares, eu inventava um outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto-afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades com sujeito-mulher-negra (EVARISTO, 2007, p. 20).

Esse excerto realiza um apanhado das análises, aqui feitas, e nos lança para a análise do próximo poema “Pedra, Pau, Espinho e Grade”, vejamos o poema de Conceição Evaristo:

Pedra, Pau, Espinho e Grade

“No meio do caminho tinha uma pedra”,
Mas a ousada esperança
de quem marcha cordilheiras
triturando todas as pedras
da primeira à derradeira
de quem banha a vida toda
no unguento da coragem
e da luta cotidiana
faz do sumo beverragem
topa a pedra pesadelo
é ali que faz parada
para o salto e não o recuo
não estanca os seus sonhos
lá no fundo da memória,
pedra, pau, espinho e grade
são da vida desafio.
E se cai, nunca se perdem
os seus sonhos esparramados
adubam a vida, multiplicam
são motivos de viagem (EVARISTO, 2008).

Nesse, de início, percebemos a intertextualidade com o poema “No meio do caminho”, do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade e com a música “Águas de Março” do compositor e cantor Tom Jobim. Interessante partimos das intertextualidades, pois a intencionalidade da voz lírica é exatamente trazer para o plano poético as adversidades da vida e a força que se precisa ter; a primeira referência poética “No meio do caminho tinha uma pedra” nos anuncia os desafios dos quais o negro e a mulher negra necessitam transporem para remontarem suas identidades, bem como para ultrapassarem as adversidades impostas pelas suas condições de raça e gênero. A intertextualidade com a música de Tom Jobim também aborda o tema da dificuldade, todavia anuncia a esperança “São as águas de março fechando verão / É promessa de vida no teu coração”. No entanto, apesar da esperança a voz poética empossa em seu discurso a desigualdade “pedra, pau, espinho e grade”. Intrigante aprofundarmos na escolha pela palavra “grade”, que tanto nos aponta para o desejo de liberdade, mas também para as mais distintas discrepâncias da desigualdade em relação à cor de pele. Trazemos como exemplo, os dados estão no estudo “Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil”, divulgados em 2015 pela Secretaria-Geral da Presidência da República. O levantamento foi feito pela pesquisadora Jacqueline Sinhoretto com base nos dados Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (InfoPen), do Ministério da Justiça; para termos um exemplo a pesquisa aponta que em 2012, foram presos 1,5 vezes mais negros do que brancos e, entre 2005 e 2012, a proporção de negros na população prisional aumentou. Em 2012, para cada grupo de 100 mil habitantes brancos havia 191 brancos encarcerados, enquanto que para cada grupo de 100 mil habitantes negros havia 292 negros encarcerados. Ou seja, os problemas sociais ligados ao negro vão muito além do preconceito, ainda, velado pela sociedade. Nesse sentido Conceição Evaristo realiza escrita de denúncia engajada nos alertando sobre as diferenças entre as oportunidades entre brancos e negros. Apesar das

adversidades enfrentadas pelo eu poético, a esperança é a força motriz da caminhada “Mas a ousada esperança / de quem marcha cordilheiras / triturando todas as pedras / da primeira à derradeira / de quem banha a vida toda / no unguento da coragem / e da luta cotidiana”, esses versos deixam claro a posição da voz poética: seguir em frente, lutando e acreditando nos sonhos. Lembramos que por se tratar de uma escrita de autoria feminina, negra, esses sonhos estão diretamente ligados a dias melhores, ao direito à voz, à escrita e a constante luta contra o machismo e sexismo. Nos versos “E se cai, nunca se perdem / os seus sonhos esparramados / adubam a vida, multiplicam / são motivos de viagem” reafirmam, mais uma vez, a resistência dessa voz poética, que representa todo um povo mutilado por sua condição de raça e cor. A “viagem” mencionada pelo eu lírico nos faz recordar de uma passagem de Evaristo sobre seu processo de elaboração da escrita:

Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes, entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados, eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite (EVARISTO, 2007, p. 19).

Como afirmamos anteriormente sobre a escrita de autoria feminina, de Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves, a esperança, o desejo de liberdade e a resiliência são características marcantes em suas obras. No poema em análise encontramos as palavras: “esperança, marcha, triturando, coragem, luta, sonhos, adubam, multiplicam” nos atentam para as vozes das muitas mulheres que lutam e são resistentes. Em *Um defeito de cor*, Kehinde apresenta a resiliência do início ao fim da narrativa, mesmo presenciando violência cometida contra os seus e contra ela mesma. No episódio do estupro da sua mãe, no início do romance, continua de mãos dadas com sua irmã gêmea, Taiwo, como símbolo de força e união para enfrentar aquele momento difícil. Na travessia do “Atlântico Negro”, no túmulo Kehinde sobrevive, diferente

de sua avó e sua irmã, mesmo chegando sozinha em terras estrangeiras a personagem não perde sua coragem. É comprada pelo fazendeiro José Carlos, ajuda na cozinha e tem a função de brincar com a Sinhazinha, durante todo esse período Kehinde mesmo passando pelo processo de ter que aprender uma nova língua, ser chamada de um nome cristão, ela não perde sua fé, suas lembranças e os ensinamentos de sua avó e de sua mãe estão sempre ecoando em suas recordações e na maneira como encara suas dificuldades. Mesmo sendo impedida de praticar sua religião na casa grande, ela guarda uma imagem da orixá Oxum, onde busca força para suportar os diversos os momentos difíceis “Não sabia como, nem o que fazer, mas tive fé nos Ibêjis, em Xangô e principalmente, na minha Oxum, mas lembrei também de Nanã, de quem minha avó sempre falava” (GONÇALVES, 2006, p. 134). A vida de Kehinde é bastante movimentada e engajada, fugirá para Salvador com a Sinhazinha. Passa a trabalhar como escrava de ganho, e consegue, após muita dificuldade, comprar sua carta de liberdade “Eu passaria a fazer os cookies aos domingos e às segundas-feiras [...], trabalhando dia e noite. Poderia contratar uma ajudante, mas isso só faria aumentar o prazo para juntar o dinheiro das alforrias.” Participa da Revolta dos Malês (escravos mulçumanos), ajuda fundar sua religião no Maranhão. Retorna a África, casa-se duas vezes, na adolescência tem o primeiro filho (que morre) fruto do estupro sofrido pelo senhor da casa de engenho, depois tem outro filho do primeiro casamento, que é vendido pelo próprio pai para pagar dívidas de jogo, depois tem dois filhos do segundo casamento com um inglês, traficante de armas. Kehinde passa boa parte da narrativa tentando reencontrar seu filho vendido como escravo e constrói o texto cheio de mise en abyme, cujas narrativas criam, mesmo, “abismos” em busca do filho e dos “rastros” das lembranças individuais e coletivas. Apesar de todas as “pedras no caminho” encontradas por Kehinde ela não desiste, a narrativa nos demonstra uma força impressionante da narradora, que vai além da coragem e é compreendida por nós como resiliência. A narrativa fragmentada e imbuída de fatos históricos e discursos de gênero, raça e etnia, em *Um defeito de cor*, nos fazem perceber que o romance apresenta-se como

antinarrativa, pois desestrutura a ideologia nacionalista e tem um olhar crítico sobre o passado, que impossibilitou lugar à escrita de autoria feminina negra. No que se refere ao espaço da mulher negra na produção literária, essa enfrenta o desafio de reconstruir sua história de maneira crítica e reelaborar sua identidade, no espaço literário e social. A personagem, Kehinde, nos conduz a uma leitura de superação e sofrimento do início ao fim, nos atentando para o movimento diaspórico e o entre-lugar, cujos laços familiares e afetivos se desfazem, restando apenas memórias e os *flashbacks* delas.

Os “riozinhos de sangue” que acompanham Kehinde não representam apenas a memória individual, mas coletiva, simbolizando o “Atlântico Negro” e os horrores cometidos nos navios tumbeiros. A travessia de “sangue”, dor e mutilações descrita em *Um defeito de cor* e as representações poéticas nas vozes líricas de Conceição Evaristo têm a ver com o processo de escrita das autoras. Para Florentina Souza (2005, p. 61) “o escritor afro-brasileiro está ciente, também, de que escreve, cita ou narra fatos a partir de uma perspectiva do seu grupo étnico-minoritário na economia das relações de poder”. A obra de Conceição Evaristo e os recortes feitos por nós também emergem das páginas que escrita da mulher negra tem nas cenas de violência e nas consequências das agressões físicas e simbólicas terreno fértil não apenas uma reflexão acerca do sujeito fragmentado e advindo da diáspora africana, mas também da condição de subalternidade a qual esse sujeito foi e é exposto. O contra-discurso literário, praticado por ambas as autoras, questiona o cânone ocidental e acaba proporcionando a emergência de se falar sobre culturas até então “esquecidos” e silenciados. Diante das lembranças, das ausências de seus familiares, da violência e das “pedras nos caminhos” Kehind e as vozes poéticas de Conceição Evaristo nos mostram que é preciso nutrir sonhos, ter coragem e resiliência para conseguirmos o que no momento mais ecoa: igualdade.

Referências:

- ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- CRUZ, Adélcio de Sousa. *Memórias da violência primordial: cenas primordiais em Um defeito de cor*. ANAIS do XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística (SILEL). Uberlândia, 2006.
- DUARTE, Constancia Lima. História da literatura feminina: nos bastidores da construção de gênero. In: SCARPELLI, Marli Fantini; DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Poéticas da diversidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 211-220.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Na cartografia do romance afro-brasileiro, *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. In: ROCHA, Enilce Albergaria et al. (Org.). *Culturas e diásporas africanas*. Juiz de Fora: UFJF, 2009. Republicado em TORNQUIST, Carmen Suzana et al. (Org.). *Leituras da resistência: corpo, violência e poder*. Florianópolis: Mulheres, 2009.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- GLISSANT, Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Unicamp, 2003.
- MARTINS, Leda. *A cena em sombras*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RICOEUR, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires: Seuil, 2000.
- RISÉRIO, Antônio. *Oriki orixá*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- RISÉRIO, Antônio. *Textos e tribos*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- SINHORETTO, Jacqueline. Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil. Fonte: Agente Brasil. Disponível em <<http://www.ebc.com.br/noticias/>

2015/06/populacao-carceraria-do-brasil-cresce-74-em-sete-anos>. Acesso em: 21 mar. 2016.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendências em Cadernos negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

Recebido em: 24 de abril de 2016.
Aprovado em: 12 de dezembro de 2016.